

UMA LEITURA DA “FEIRA DAS QUINTAS”, DE
OSWALD DE ANDRADE

Roberta Fabron RAMOS¹

ABSTRACT: Published weekly between 1926 and 1927, the column “Feira das Quintas”, of Oswald de Andrade, brings the reflections of its author regarding the Brazilian artistic scene. We distinguish in the present one search the controversy with integrants of Verdeamarelismo and his comments as critical, both in a style marked for the rapidity of the journalistic language. The perception of the interference of these writings in the history of local literature and in the implantation of the aesthetic-ideological values of the Brazilian modernist movement is intended with this boarding.

A “Feira das Quintas”

A atividade jornalística foi uma constante durante toda a vida literária de Oswald de Andrade e seu estudo nos permite delinear boa parte do pensamento crítico do autor. A presente pesquisa propõe a análise da coluna “Feira das Quintas”, publicada no *Jornal do Commercio*, edição de São Paulo, entre 1926 e 1927, assinada por “João Miramar”. Estes artigos apresentam uma grande variedade de assuntos ligados intimamente ao momento. Além de textos críticos, aparecem excertos de seus romances *Serafim Ponte Grande* e *A Estrela do Absinto*, pequenas narrativas e “informes” de fatos relativos principalmente à vida artística nacional, moldados num estilo marcado pela ironia, pelo humor e pela rapidez.

Parte dessas crônicas encontra-se inédita², mas a recuperação do material em jornal não constitui um trabalho árduo pelo prazer que sua leitura proporciona, tanto pelo aspecto acima mencionado do estilo agradável, quanto pelo quadro geral dado por um expectador privilegiado (parcial, é bem verdade) dos momentos decisivos no Modernismo brasileiro.

O foco deste estudo será, portanto, a discussão dos temas ligados à arte brasileira, apresentados por Oswald de maneira sucinta e contundente.

¹ Mestranda no Programa de Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Bolsista CAPES. E-mail: rofabron@gmail.com. Esta pesquisa foi realizada no Arquivo Público do Estado de São Paulo, no Arquivo Edgard Leuenroth – UNICAMP e na Fundação Biblioteca Nacional, órgãos aos quais dirijo meus agradecimentos.

² Vera Maria Chalmers incluiu os textos “O sucessor de Rodolfo Valentino”; “O abelhudo”; “Excertos de ‘Serafim Ponte Grande’”; “Antologia”; “Páginas do tempo de Washington Post”; “Álvaro Moreyra e outras questões que não são para todos” e “Um documento” em Andrade, Oswald de. *Telefonema*. (Obras Completas). Vera Maria Chalmers (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1974.

Nesta série nosso autor trava polêmicas com o grupo Verdeamarelista, apresenta suas reflexões acerca de nomes expoentes da época e dialoga com as questões críticas e estéticas expostas nas demais obras contemporâneas à “Feira das Quintas”. A estratégia utilizada nesta pesquisa será a leitura de artigos publicados por aqueles nomes, que se mostrem vinculados aos assuntos abordados na coluna e a comparação com outros textos conhecidos de Oswald, circunscritos à década de 20, a exemplo dos manifestos da “Poesia Pau Brasil” e “Antropófago”, com o objetivo de compreender, a partir da produção jornalística mencionada, o pensamento oswaldiano na primeira fase do Modernismo brasileiro.

Pretende-se com esta abordagem a percepção da interferência desses escritos na história da literatura local, impulsionando o revigoramento da arte em geral e a implantação dos valores estético-ideológicos do movimento modernista, uma vez que, além dos “debates” mencionados, a série nos apresenta também pequenas narrativas, diálogos e trechos de seus romances que se valem da experimentação proposta por Oswald.

A análise do conjunto da série oswaldiana “Feira das Quintas” leva a confirmação de que havia uma unidade clara entre os textos, conferindo-lhes a possibilidade de uma leitura seriada. Os temas abordados são retomados e confirmados; as reflexões sobre a Literatura e as Artes em geral se fazem constantemente em rede com estes temas e a linguagem. Apesar da íntima conexão com um período de tempo específico, a maneira como são conduzidas as reflexões faz com que estes escritos superem o teor exclusivamente informativo e jornalístico.

Pode-se perceber no decorrer da leitura esse movimento de unidade que, ao final, leva a emolduração da figura de Oswald de Andrade e de seus pareceres acerca da arte como um todo e, sobretudo, da brasileira: a procura da independência artística e social.

Oswald de Andrade e o Verdeamarelismo

Dentro da série “Feira das Quintas” destacam-se alguns textos diretamente ligados no que chamamos aqui de “polêmica” entre Oswald de Andrade e os Verdeamarelistas – sempre representados por Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. São os textos que encontram resposta ou provocação imediata e direta no órgão de imprensa a que estes autores pertenciam, o *Correio Paulistano*. Assim sendo, a busca pelas referências encontradas na “Feira das Quintas” levou a constatação da polêmica sistemática entre eles, o que fornece material para a compreensão do movimento modernista naquele instante.

O discurso polêmico denota a guerra de palavras entre dois (ou mais) oponentes sobre um tema específico comum. Kerbrat-Orecchione (1980: 04) apresenta a etimologia do termo – do grego *polemikos*, “relativo à guerra” – e constata o uso atual do vocábulo como uma “metáfora lexical”, uma vez que a polêmica representa para nós hoje a batalha cuja arma principal é a expressão verbal. E exatamente por se tratar de um gênero de disputa intelectual, seu meio mais adequado é o jornal por conferir-lhe publicidade. Eminentemente combativa, a polêmica visa desqualificar o adversário e para isso recorre a estratégias que se destinam não somente ao “alvo” propriamente dito,

ou ao interlocutor direto, mas também ao público leitor, no caso dos escritos de jornal. Este é o juiz da questão, aquele que decidirá por um dos lados.

Os textos componentes da “Feira das Quintas” que debatem com o grupo verdeamarelista são representativos da heterogeneidade de concepções e princípios do movimento modernista, com sua “variedade de manifestações que tentavam, cada uma, defini-lo com mais pureza, ocasionando disputas, cisões, tomadas de posição, num longo e fecundo esforço de consciência estética, espelhado nas revistas e nos movimentos parciais.” (Candido & Castello, 1974: 15) Nesse sentido, cada lado da questão buscava, através da propaganda de seus conceitos e do ataque aos postulados adversários, persuadir o público que acompanhava a querela. Pela leitura tem-se a impressão de que os destinatários são sempre aqueles que faziam parte mais diretamente do movimento modernista, ou seja, essas disputas seriam uma forma de buscar adesões e firmar posicionamentos. O ataque à Academia é, então, substituído – passada a fase inicial – pelas disputas internas, “pois a retórica vanguardista não pode passar sem um inimigo declarado. A propaganda depende para existir, de um discurso contrário; ela vive da luta de idéias.” (Chalmers, 1976: 95)

A contenda, que tem início pela discordância sobre o pintor paulista Antônio Gonçalves Gomide, acaba se desmembrando nas discussões sobre as incompatibilidades dos grupos – que se apresentam já desde a publicação em 1924 por Oswald de seu “Manifesto da Poesia Pau-Brasil”. Pelo confronto das idéias dos autores encontramos os motes principais do que se sistematizou na polêmica aqui estudada: a intuição defendida pelos verdeamarelistas contra o intelectualismo, e o repúdio ao alienígena, ao qual Oswald estaria ligado. Abaixo se encontram dois trechos que exemplificam o diálogo de posições:

Nós somos assim, Oswald, pouco requintados, simples, primitivos, sem essa imensa sabedoria de que te empanturraste, farejando museus utraísta, onde todos os manetas internacionais são estatuários e todos os caolhos mundiais pintores cubistas. Nossa matalotagem cultural é a projeção direta de nosso maravilhado instinto diante de todas as belezas da terra nossa e diante da ingênua comoção da nossa gente. Não consultamos Cassandras com luvas ou sem elas, mas apenas o caboclo de pé descalço para que nos diga direitinho como foi feita sua alma... (Picchia, 1927)

Porque não se pode conceber que na onipresença dos dias que correm se queira regressar aos processos carro-de-boi porque isso é sentimental ou racial. Hora de Paris para a arte. Hora de Greenwich para a indústria, sem que se perca a latitude brasileira. (Andrade, 1927)

Os textos supracitados são, respectivamente, “A João Miramar – Carta a um amigo que usa cabeças emprestadas”, de Menotti Del Picchia, publicado em 28 de janeiro de 1927; e “Pelo Brasil”, de Oswald de Andrade, do dia 17 de fevereiro de 1927.

Entre as crônicas da “Feira das Quintas” que formam essa polêmica a mais conhecida, talvez por suas publicações posteriores, é “Antologia”, de 24 de fevereiro de 1927. Oswald ainda a publicou na revista *Clima* em setembro de 1941, e a mesma foi reproduzida em *Telefonema*, organizado por Vera M. Chalmers, em 1974.

Nesse texto, o debate com as idéias propostas pelo grupo oponente se expressa pela “provocação” às normas da gramática tradicional – referência à escrita muito mais

conservadora e rebuscada dos verdeamarelistas – e pela sátira ao discurso alheio, por meio da paródia, nesse caso, da *Carta de Pero Vaz de Caminha* e d’*Os Lusíadas*. Oswald incorpora, ainda, à sua crítica, a linguagem satírica por meio de trocadilhos e neologismos relativos ao vocábulo “anta” (totem dos verdeamarelistas e futura intitulação do grupo):

Pois vou-vos contar de pedanta grei, da qual recebi dois agravos durante a semana, que por certo esfalfaram as víceras agravantas, demonstrativos porém ambos de espírito antanho e garganta que não sacode pedras mui longe do antro em que se antola.

Mescla-se, dessa forma, o debate crítico com a prática literária, resultando numa leitura intertextual conhecida como “atitude antropofágica”, que traduz (entre outras coisas) alguns postulados no que concerne às formas literárias instituídas até então, revelando as posições de Oswald e fornecendo um panorama amplo das discussões envolvendo o cenário artístico brasileiro naquele momento de nosso Modernismo.

Passando em revista o cenário artístico nacional

Não sendo Oswald o crítico oficial do *Jornal do Commercio*, suas crônicas que dialogam com o momento artístico são muito mais pessoais e leves, sem a obrigação de uma crítica mais empenhada. São, portanto, impressões registradas por um observador bastante particular, representativas do tipo de texto ligeiro e preso a um momento específico que se destinava aos periódicos voltados à massa, a leitores que buscam uma linguagem mais dinâmica e cotidiana.

O texto aqui citado como exemplo dessa crítica intitula-se “Uma atriz parisiense – Cosmos e Caos – Psicologia das revoluções – Piolin versus Mario – Brasil dos andores – Um caso de quadros – Glória de artista”, de 02 de setembro de 1926. Oswald nos apresenta sua posição de maneira contundente, entretanto sem nenhum aprofundamento em termos de justificativa de sua crítica. E, ressaltando um traço comum a quase todos os textos componentes dessa série, suas colocações recorrem ao tom de pilhéria:

Grande briga se estabeleceu em torno dos quadros do Sr. Virgilio Mauricio. São dele. Não são. São. Não são.
Bolas! Sejam ou não sejam, a verdade é que essas telas são tão ruins que só podem desmoralizar o autor delas.

Dessa maneira, chega-se ao segundo ponto que esta pesquisa pretende destacar: como Oswald elabora sua crítica dentro desta série. A leitura das crônicas nos faz perceber que os textos primam pela rapidez do comentário, feito geralmente, como já foi mencionado anteriormente, através de uma linguagem leve e carregada de humor. O título do texto supracitado é bastante exemplar da visão em conjunto que estes escritos fornecem acerca do cenário artístico nacional: geralmente aborda-se mais de um autor,

mais de um assunto³. Ainda nesse aspecto, vale ressaltar que a maneira como são estruturadas algumas crônicas também apresenta variação, uma vez que podemos encontrar, concomitantemente, fatos, reflexões, diálogos, pequenas narrativas, tudo compondo um só exemplar do rodapé, como, por exemplo, em “Diálogo sobre Atenas precedido de um comentário à economia brasileira – O Dr. Plínio Barreto, o voto secreto e as elites negativas – Fixação nacional”, de 16 de setembro de 1926 :

À porta do Garraux:

- O Gomes Cardim vai fundar o teatro nacional.
- Só assim, o teatro nacional muda de sexo...
- Como?
- Porque o Gomes Cardim só pode a fundar... o teatro nacional.

Oswald elabora, com exceção dos textos de embate com o Verdeamarelismo, críticas rasas e ligeiras, não aprofundando suas considerações, que se encontram mais próximas de um registro de impressões do que de uma reflexão. Entretanto, a visada do panorama artístico-literário nos fornece dados sobre os postulados oswaldianos sobre o Modernismo, principalmente quando essas crônicas são analisadas em conjunto com sua obra na década de 20, em especial seus manifestos.

No caso do “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” (Andrade, 1995: 41-45) Oswald prega uma necessidade de conjugar passado e presente (a “floresta” e a “escola” representadas em seu texto) como meio de encontro da técnica de vanguarda com o primitivo brasileiro. A visão do passado, como ponto de partida para uma reflexão crítica e renovadora, fez parte do alicerce para os preceitos empreendidos pelos modernistas na busca da construção de uma arte independente, local e livre.

Sobre este aspecto, é relevante o acréscimo da reflexão de Lucia Helena que nega a idéia de um “transplante simplista” de Oswald para o Brasil das idéias européias e vê neste texto oswaldiano uma “metáfora” da cultura brasileira de sua época. Quanto aos seus intentos, a autora ainda acrescenta: “Este é um texto que expressa novas formas de convivência do homem com a sociedade, sempre objetivando a ruptura das relações hierárquicas oficiais, na busca de divergir do compromisso visceral com os valores e a ótica das elites que redigiram nossa história.” (Helena, 1985: 139).

Assim sendo, ressalta-se aqui uma característica bastante presente na coluna estudada: a mescla constante do “popular” e do “erudito”. Da mesma forma que comenta a literatura, as artes plásticas, o teatro da aristocracia, Oswald dá ênfase às manifestações populares como a procissão, o carnaval, o circo, a música⁴:

Poucos países têm como o Brasil uma tão intensa e saborosa matéria prima para fixação de arte. Tão potencializada no povo, que sem mesmo o trabalho intelectual das transposições, esse manancial jorra em descobertas a cada passo. É assim que se explica a arquitetura do Aleijadinho, a arte dos santeiros, a música e o canto

³ Essa característica de “títulos múltiplos” encontra-se nas 4 primeiras crônicas da série. As demais apresentam apenas um.

⁴ Outros exemplos dessa ênfase são “Homenagem a São Francisco” e “Piolin e o teatro nacional”.

nacionais. Temos no teatro Piolin, Arruda, Prata. E temos o violão de Patrício Teixeira.

O texto citado – “Patrícios”, de 20 de janeiro de 1927 – dá bem a medida dessa condição conciliatória da “floresta” e da “escola”. Essa é a equação, segundo Oswald, da qual resultará a independência artística nacional.

Como reflexo destas perspectivas, encontramos nas crônicas estudadas um instrumento de avaliação do pensamento oswaldiano no momento de implantação dos projetos estéticos e ideológicos do Modernismo paulista. Apesar de passado o maior impacto das renovações artísticas, Oswald não desvincula a estética, a teorização dessa busca pela independência: “O valor e a cultura, a poesia e a polêmica, o trabalho de pesquisa, de criação e de crítica demonstram numa insofismável estatística que as letras brasileiras só vingam neste momento no campo modernista.” (“Reivindicação Modernista”, 21 de abril de 1927).

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, O. de (1926) “Uma atriz parisiense – Cosmos e Caos – Psicologia das revoluções – Piolin versus Mario – Brasil dos andores – Um caso de quadros – Glória de artista”. *Jornal do Commercio*, 02 de setembro.
- _____. (1926) “Diálogo sobre Atenas precedido de um comentário à economia brasileira – O Dr. Plínio Barreto, o voto secreto e as elites negativas – Fixação nacional”. *Jornal do Commercio*, 16 de setembro.
- _____. (1927) “Patrícios”. *Jornal do Commercio*, 20 de janeiro.
- _____. (1927) “Pelo Brasil”. *Jornal do Commercio*, 17 de fevereiro.
- _____. (1927) “Antologia”. *Jornal do Commercio*, 24 de fevereiro.
- _____. (1927) “Reivindicação Modernista”. *Jornal do Commercio*. 21 de abril.
- _____. (1974) *Telefonema*. (Obras Completas). V. M. Chalmers (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro.
- _____. (1995) “Manifesto da poesia pau-brasil”. O.de Andrade. *A utopia antropofágica*. (Obras Completas) 41-45. São Paulo: Editora Globo.
- CANDIDO, A. & CASTELLO, J. A. (1974) *Presença da literatura brasileira*. Vol. III – Modernismo. São Paulo, Difusão Européia do Livro.
- CHALMERS, V. M. (1976) *3 linhas e 4 verdades*. O jornalismo de Oswald de Andrade. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.
- HELENA, L. (1985) *Totens e tabus da modernidade brasileira: símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1980) “La polémique et ses définitions”. C. Kerbrat-Orecchioni & N. Gelas (orgs.) *Le discours polémique*, 03-40. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- PICCHIA, M. D. (1927) “A João Miramar – Carta a um amigo que usa cabeças emprestadas”. *Correio Paulistano*, 28 de janeiro.